

A Bruma Cinzenta

Já faz algumas semanas desde que me dei conta da falta de meu prezado amigo nos arredores da universidade. Nos conhecemos há pouco menos de um ano entre os intervalos dos cursos, acabamos nos tornando muito próximos devido aos gostos e costumes similares de nossas personalidades e desde então tornamo-nos inseparáveis, sempre passeando pelos campos enquanto trocamos assuntos.

Tenho notado então, de alguns meses para cá, que meu amigo vem demonstrando alguns comportamentos singulares que me pareceram estranhos à primeira vista, mas sempre que o questionava sobre tais atitudes, ele sempre se mantinha reservado e dizia não passar de meras fantasias de minha imaginação. Percebendo que quaisquer perguntas ou tentativas de fazê-lo contar-me o que estava acontecendo seriam apenas mera perda de tempo, deixei de lado todos os pensamentos que poderiam fazer-me voltar a pensar naquelas sucessivas mudanças de humor e comportamento.

Certo dia nos campos da universidade, quando me tomava por devaneios intrigado e preocupado com os acontecimentos que vinham ocorrendo com meu amigo, ele, após uma de suas pequenas crises de espasmos musculares, disse com um olhar sério que ficaria fora durante alguns dias e que pretendia retornar às aulas na próxima semana. Mais tarde, quando o questionei sobre o motivo de sua viagem, ele respondeu com certo receio dizendo não se tratar de uma viagem, mas que estaria trabalhando em um projeto muito importante em seu apartamento.

Eu novamente o perguntei sobre o projeto misterioso e sobre o que se tratava, mas de nada adiantou, ele apenas continuou calado e com um olhar vago e sério durante alguns minutos mudando de assunto logo depois. E como havia dito, ele não apareceu durante o restante da semana e esperei ansioso durante todos os dias da semana seguinte pelo seu regresso, porém nada aconteceu. Procurei-o com afinco na entrada da faculdade e nos corredores durante os intervalos, mas meu amigo realmente não veio em nenhum dia, então um grande temor começou a tomar forma dentro de mim.

Com o passar dos dias, meu temor e meu medo foram se acumulando à medida que meu amigo não retornava de seu projeto, de seu apartamento. Perguntei a diversas pessoas de sua turma em busca de algum esclarecimento, mas nenhum outro possuía notícias sobre seu paradeiro, ninguém o havia visto desde a última vez que aparecera na universidade. Meu amigo sempre fora reservado e já havia comentado algumas outras vezes, breves indícios de que tinha se distanciado de sua família e não mantinha mais contato com eles, sendo assim, possivelmente eu era seu único amigo e não havia mais ninguém que possuísse alguma informação relevante.

Após três semanas sem notícias de meu amigo e preocupado com ele, decidi ir para seu apartamento procurá-lo ou ver o que encontraria por lá e caso não o encontrasse, certamente que chamaria as autoridades para averiguarem todo o caso. Com um peso na consciência e tomado de um horror dentro de mim, temendo o que pudesse encontrar em seu apartamento, tentei em vão concentrar-me e manter bons e positivos pensamentos a respeito de meu amigo durante minhas aulas da faculdade até o final, em que iria visitá-lo em sua casa.

Não tive dificuldades em localizar seu apartamento, visto que já havia ido ali diversas outras vezes com outros motivos bem mais alegres e menos preocupantes que este, e menos de trinta minutos após o término das aulas eu já estava estacionando minha moto em frente ao seu condomínio de apartamentos. Desci da moto, colocando o capacete pendurado nos retrovisores e de relance pude ver, na fresta das cortinas da

janela do apartamento de meu amigo, o pequeno gato preto quase imperceptível olhando, imóvel, para baixo através de sua pequena janela de vidro.

Estava frente a frente com um dos vários prédios de apartamentos do condomínio, suas paredes eram de um bege claro e já apagado pela ação dos ventos e das chuvas com o passar dos anos e os maus cuidados dos síndicos, todo o condomínio era cercado por grades altas e cinzas assim como os portões e os corrimãos das escadas. Aproximei-me do portão e toquei o interfone de número “301”, o número dos aposentos de meu amigo, esperando alguma resposta, porém não fui atendido e o portão continuava fechado. Novamente toquei o interfone e só houve uma leve brisa vinda do leste. Chamei pela terceira vez, mas agora, pela vizinha de meu amigo e pela primeira vez obtive êxito.

- Alô?! Quem é? - Disse a vizinha pelo interfone.

- Ah! Oi - Eu disse com alegria após finalmente ser atendido - Eu sou amigo do Felipe, seu vizinho do apartamento de cima. Eu apertei o interfone, mas ele não respondeu, a senhora sabe me dizer onde ele está?

Sem nenhuma resposta, a vizinha apenas abriu o portão do condomínio para que eu passasse e assim o fiz, fechando o portão atrás de mim e começando a subir o primeiro lance de escadas. Ao chegar aos degraus do segundo lance, a vizinha saiu apressada de sua casa ao meu encontro.

- Sou eu, a vizinha - Ela disse saindo apressada de seu apartamento indo ao meu encontro, que estava prestes a subir outro degrau, segurando-me pelo braço direito. Seus olhos estavam arregalados e seus cabelos ruivos desarrumados e bagunçados no ar, usando um avental xadrez, chinelos com meias e uma calça jeans azul marinho - Ora, perdoe-me pela minha aparência...

- A-Ah... Sem problemas - Eu respondi assustado virando-me para ela - O que deseja minha boa senhora?

- Sabe... Não esperava que alguém viesse visitá-lo, pensei há muito ter brigado com seus familiares.

- Sim, de fato, mas não possuo nenhum grau de parentesco com ele, somos amigos da faculdade. Venho, pois ele me preocupa muito, há dias que ele não aparece para as aulas.

- Bom... Para lhe ser franca - Ela disse se aproximando de mim enquanto começava a sussurrar, seus olhos verdes reluziam e brilhavam com a luz vinda atrás de mim. Agora já mais próxima, notei suas várias rugas e linhas de expressões características das senhoras e que embora transmitissem carisma, assim como ocorrem com nossos avós, seu rosto estampava um terror sombrio - Ele também está deixando nós, os vizinhos, preocupados.

- Vocês? C-Como? O que ele tem feito?

- Meu jovem, já faz semanas desde a última vez em que ele saiu de seu quarto e de uns tempos para cá viemos ouvindo alguns barulhos estranhos vindos de seu apartamento. Ficamos preocupados, mas ele se recusa a abrir a porta para nós - Ela disse em sussurros como se temesse algo ou que alguém a escutasse - Nós ficamos perplexos. Sempre fora um garoto tão bom e amável, com um sorriso acolhedor e... De repente ele mudou e foi ficando estranho.

Então, sem me dar explicações ou contar-me maiores detalhes sobre meu amigo, ela soltou o meu braço e caminhou novamente para seu apartamento, acenando em despedida antes de fechar a porta. Ainda mais preocupado com meu amigo, não dei atenção aos boatos que a vizinha havia me contado e continuei seguindo em frente, subindo os degraus, rumo ao terceiro andar, onde morava meu amigo. Toda aquela história, segundo meu ver, certamente não passam de suposições baseadas em meras

superstições, boatos e fofocas de vizinhos desocupados. Ao chegar ao terceiro andar, logo reconheci a porta do apartamento 301.

- Olá! - Eu disse batendo à porta de madeira.

Mas não houve respostas.

- Felipe? Eu sei que está aí. Abra por favor, sou eu o Leonard!

Desta vez, ouvi o barulho da chave girando na fechadura e assim que a luz rompeu a escuridão do apartamento pela fresta da porta entreaberta, eu rapidamente me pus a entrar e procurar meu amigo pelo aposento.

Ao entrar, a porta fechou-se atrás de mim e senti um terrível mal-estar. O apartamento estava completamente fechado, privado de luz do sol e cheio de fumaça por todos os lados como uma forte e densa neblina de um dia frio e nublado, a fumaça pairava no ar em todas as direções, tão densa que apenas projetava-se a silhueta de meu amigo um metro à minha frente. Meus pulmões foram tomados por toda aquela massa cinzenta no ar e o forte cheiro de enxofre e tabaco. Fiquei durante vários minutos tossindo sem parar enquanto meus olhos lacrimejavam com a fumaça, até que por fim, já de joelhos no chão sem forças, em um último suspiro meus pulmões se acostumaram com toda aquela densa neblina estranha que a primeira vista parecia insuportável.

- Você está bem? - Disse a voz grave da silhueta de meu amigo à minha frente observando-me.

- Cof! Cof! Mas que diabos é isso Felipe? - Eu disse em meio às tosses que não cessavam.

- Ora... Eu não lhe disse sobre o projeto? - Respondeu meu amigo.

- Mas que... Isso não é exagero? Cof! Como você vive em meio a isso?

Mas ele não respondeu e apenas permaneceu parado à minha frente, até que por fim deu-me as costas e caminhou lentamente para o outro lado da sala onde se localizava a cozinha do apartamento enquanto eu, ainda com dificuldades, levantava-me do chão tossindo sem parar.

- Os vizinhos estão comentando sobre você... Dizem que ouvem barulhos vindos do seu apartamento, parecem estar incomodados.

- Ah sim... Andei movendo os móveis de lugar. Aqueles vizinhos são sempre impertinentes...

- Bem, se não se importa. - Eu disse caminhando para onde me lembrava ficar os sofás da sala de estar, até que após alguns passos uma pequena e rápida sombra negra cruzou por entre minhas pernas, causando-me um terrível arrepio, que posteriormente notei se tratar do gato que saíra da janela e correu rumo ao quarto de meu amigo mas o perdi de vista rapidamente enquanto adentrava na densa cortina de fumaça - Você não disse ter mudado os móveis? - Perguntei após me sentar no sofá enquanto olhava sobre o ombro esquerdo, onde ficava a cozinha atrás de mim, mas que não conseguia enxergar - Estes sofás estão no mesmo lugar onde estavam antes.

- A-Ah... - Ele disse, sentado na poltrona ao lado do sofá, um pouco mais afastado à minha direita depois de uma breve pausa - Eu não gostei e voltei-os de volta ao normal.

- Então, que tal projeto... Cof! Cof! Que raios de projeto é esse?

E novamente ele ficou em silêncio enquanto observava sua sombra projetada na poltrona da sala de estar.

- Se não quiser me contar tudo bem, não irei pressioná-lo. E então, quando pretende retornar às atividades na universidade? - Perguntei enquanto tentava vislumbrar a imagem de meu amigo na poltrona por detrás de toda aquela bruma cinzenta - Cof! Cof! Estava aguardando-o ansiosamente.

Neste instante, os pequenos passos do felino preto de rabo eriçado vinham em minha direção retornando do quarto de Felipe, caminhando até meus pés apoiados no chão onde ficou se esfregando e afagando os pelos negros de seu corpo em minhas pernas enquanto soltava no silêncio do cômodo, pequenos miados tristes e decadentes. Peguei-o em meu colo para acariciá-lo por alguns instantes, suprimindo a carência de novas visitas de seu peito, levantei-o com as mãos para vê-lo mais perto e observei seus belos olhos amarelos cintilando naquela escuridão de nevoeiro enquanto seus bigodes e pelos ao redor da boca estavam úmidos e molhados de um líquido vermelho escuro e intenso.

- O que é isso? - Eu disse virando-me para Felipe, mas ele não estava mais na poltrona. Olhei ao meu redor buscando-o com os olhos, porém não encontrei nada além da névoa que pairava silenciosamente pelo ar, diminuindo toda a clareza e nitidez daquele ambiente.

- Felipe? - Perguntei, mas como de se esperar, não obtive resposta.

Larguei o pequeno bichano no chão enquanto miava e se mexia em minhas mãos, e levantei-me do sofá buscando em volta quaisquer indícios de meu amigo. Com uma boa memória que me restara, decidi ir do sofá até o quarto de onde o gato viera e assim o fiz, entre tropeços e com os braços estendidos à minha frente, fui tateando e andando até onde me lembrava ficar o quarto de Felipe, até que por fim alcancei a maçaneta da porta que já estava entreaberta.

O silêncio e a escuridão da sala romperam-se com os ruídos, rangidos e com a luz ao abrir a porta do quarto, agora ofuscante para as pupilas que já haviam se acostumado com aquela obscuridade, de dezenas de velas espalhadas no cômodo. Meu coração estremecia e batia cada vez mais forte com o abrir da porta enquanto minha respiração tornava-se pesada e lenta, sentindo um nó na garganta e um frio na barriga.

- F-Felipe? Você... Cof! Você está aí? - Perguntei enquanto minha mão tremia na maçaneta da porta.

Com o máximo de calma e cuidado, fui abrindo vagarosamente a porta de carvalho escuro que rangia e ecoava por todo o apartamento, quebrando toda a mudez desoladora que recaía sobre aquele ambiente. Ao abrir toda a porta do quarto, aumentando meu campo de visão, vi somente mais e mais velas sobre pires espalhadas por todos os lugares, desde em cima dos móveis até no chão.

Ao adentrar no quarto iluminado à luz de velas, notei à minha direita uma penteadeira com um grande espelho sobre ela, onde estavam escritas as seguintes escrituras em letras vermelhas, que haviam escorrido algumas gotas devido ao líquido estar fresco:

“אדון האש!
לך דרך הגולגלות
מהמתנגדים שלך,
לשתול את הזרעים
של חטאים ארציים
וממני, העולם ייקח

הנה אני מוותר,
הנה המשרת שלך,
עכשיו כשאני מעריצה אותך
קח אותי ואת נפשי
ברוכים הבאים לגיהנום”

E de frente com a penteadeira, estava Felipe ajoelhado, com o tronco em cima das coxas e a testa encostada no chão, estava sem camisa e com os pés descalços, apenas com uma calça azul escura de moletom. Em suas costas estava marcado, como num touro queimado em carne-viva por um ferrete em brasas, um grande brasão infernal e à sua volta, por todo o chão, havia uma poça de sangue vinda da faca cravada em seu peito há algumas horas atrás que escorria e manchava o carpete branco do seu quarto.